



Revista de História e Estudos Culturais

Julho - Dezembro de 2023 Vol. 20 Ano 20 nº 2

www.revistafenix.pro.br ISSN 1807-6971

**O “MAR DAS TORMENTAS” SOB A PERSPECTIVA  
DOS ESTUDOS CULTURAIS: UMA LEITURA DE A  
ILHA DOS NAVIOS PERDIDOS, DE JOAQUIM  
NAMORADO, E DE CANTO DOS TORNA-VIAGEM, DE  
JOSÉ MÁRIO BRANCO**

**THE “SEA OF TORMENTS” FROM THE PERSPECTIVE  
OF CULTURAL STUDIES: A READING OF A ILHA  
DOS NAVIOS PREDIDOS, BY JOAQUIM  
NAMORADO, AND CANTO DOS TORNA-VIAGEM,  
BY JOSÉ MÁRIO BRANCO**



www.revistafenix.pro.br

Maria Ellem Souza Maciel\*

Universidade de Coimbra

 <https://orcid.org/0000-0002-0720-4167>

[mellemsmaciel@gmail.com](mailto:mellemsmaciel@gmail.com)

**RESUMO:** O presente artigo tem o objetivo de propor uma leitura crítica do poema *A ilha dos navios perdidos*, de Joaquim Namorado, e da canção *Canto dos torna-viagem*, de José Mário Branco, na perspectiva da teoria pós-colonial e da teoria crítica da raça. Através de contextualização histórica e revisão bibliográfica, apresentarei um arcabouço teórico que contribui para o entendimento da questão colonial no que diz respeito à identidade dos sujeitos envolvidos, durante e após este processo, as quais servirão de base à análise das obras artísticas destacadas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Estudos culturais; teoria pós-colonial; teoria crítica da raça; análise comparativa.

**ABSTRACT:** The present article aims to propose a critical reading of the poem *A ilha dos navios perdidos*, from Joaquim Namorado, and the song *Canto dos torna-viagem*, from José Mário Branco, under the perspective of the postcolonial theory and the critical race theory. Throughout historical contextualization and bibliographical review, I will present a theoretical background which contributes to the understanding of the colonial issue in what it concerns the identity of the subjects involved in the process, substantiating the analysis of the highlighted artistic works.

---

\* Doutoranda em Estudos Contemporâneos (UCoimbra/2021).

**KEYWORDS:** Cultural studies; postcolonial theory; critical race theory; comparative analysis.

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem o objetivo de propor uma análise do poema *A ilha dos navios perdidos*, de Joaquim Namorado, e da canção *Canto dos torna-viagem*, de José Mário Branco, especialmente na perspectiva da teoria pós-colonial e da teoria crítica da raça. Busca-se, ainda, render homenagem às respectivas obras, as quais se comunicam com questões históricas e atuais de forma sensível e poética.

Através de contextualização histórica e revisão bibliográfica, apresentarei teorias que contribuem para o entendimento da questão colonial no que diz respeito à identidade dos sujeitos envolvidos, durante e após este processo. Para tanto, proponho trazer uma leitura de *A ilha dos navios perdidos* e de *Canto dos torna-viagem*, tendo em conta os diferentes aspectos trazidos em ambas as obras, as quais provocam reflexões profundas sobre o tema da (de)colonização.

A metodologia utilizada é a qualitativa, com o recurso a materiais bibliográficos que fundamentam a presente proposta, confirmando a relevância do tema para a compreensão de questões históricas e contemporâneas.

O desenvolvimento divide-se da seguinte forma: Teoria Pós-Colonial em Estudos Culturais: uma abordagem contemporânea; Descoberta de “uma ilha perdida nos mapas”, segundo Joaquim Namorado; A “coisa ao contrário” contada pelos “torna-viagem”: um diálogo histórico criado por José Mário Branco. Na primeira seção, apresenta-se uma revisão bibliográfica das teorias estudadas, naquilo em que se comunicam com a referida proposta de análise, subdividindo-se em África: um debate pós-colonial por excelência; e Cultura e arte em teoria pós-colonial. Na segunda seção, dá-se destaque ao texto de

Joaquim Namorado, *A ilha dos navios perdidos*, passando-se à obra de José Mário Branco aqui proposta, *Canto dos torna-viagem*, na seção seguinte.

## TEORIA PÓS-COLONIAL EM ESTUDOS CULTURAIS: UMA ABORDAGEM CONTEMPORÂNEA

Os efeitos da colonização nos países outrora ocupados pelas potências europeias são difíceis de se categorizar de forma objetiva. Séculos de dominação e exploração definiram as bases atuais de sistemas sociais os quais nunca saberemos como se configurariam se a História lhes tivesse reservado outra realidade.

Nas últimas décadas, a perspectiva teórica dos Estudos Culturais trouxe uma importante contribuição para esta reflexão. Segundo Martins (2015, p. 342-343), o advento das novas tecnologias em circunstâncias pós-coloniais favorece o recurso a diferentes meios de difusão informacional e cultural, no sentido de se “interrogar a racionalidade ocidental a partir dos mundos não ocidentais, na relação intrincada que estes têm com os antigos povos coloniais”, com o objetivo, na proposta do autor, de definição das “novas humanidades”, levando a uma inevitável “redefinição da cultura”, ou “delimitação do humano”.

Os Estudos Culturais permitem, assim, em comparação à tradição disciplinar das humanidades, a construção de novos “modelos de descrição e resolução de problemas”, levantando e formulando “questões essenciais sobre os valores, os objetivos e o sentido da ação humana”, o que ocorre, principalmente, pelo caráter cotidiano desta abordagem, que aproxima a reflexão sobre a cultura dos “estilos de vida dos grupos sociais”, com especial atenção à “mudança social” que habita o tempo presente (Martins, 2015, p. 343-345).

No mesmo sentido, e expondo o amplo caráter transdisciplinar dos Estudos Culturais, Ribeiro e Ramalho (1999, p. 70) apontam que essa

abordagem faz regressar “a preocupação contextual, [...] a história e a sociedade: a atenção ao ‘mundo real’ constitui, de facto, uma verdadeira pedra de toque, traduzindo uma preocupação em muitos aspectos anti-teórica com o que é entendido como a realidade concreta das práticas.”

Dentro dos Estudos Culturais, a teoria pós-colonial busca traçar os contornos dos efeitos contemporâneos da colonização nos dois pólos da histórica relação de dominação entre os países colonizados e colonizadores, tendo em *Orientalism*, de Edward Said, sua discussão fundante. A percepção do “outro” que dominou os séculos seguintes à expansão marítima é a base da referida obra, servindo de problematização aos estudos em teoria pós-colonial.

Felipa Lowndes Vicente (2010) chama, no entanto, a atenção ao fato de que o uso do termo “orientalismo” se consolidou no meio acadêmico a partir da segunda metade do século XIX, caracterizado pela diversidade de seu significado, sempre permeado de conflitos e contradições. Da mesma forma, o impacto da obra de Edward Said não ocorreu ao mesmo tempo e na mesma intensidade nos diferentes países e, inclusive, áreas de pesquisa: sua influência foi maior nas áreas da história e literatura, além dos estudos culturais e pós-coloniais, do que na tradicional área contemporânea dos “estudos orientais” (Vicente, 2010).

Acerca da heterogeneidade intrínseca à concepção de orientalismo, Vicente (2010, p. 13) pontua que não podemos estabelecer uma relação linear entre colonizador e colonizado, da mesma maneira que não podemos sucumbir ao hibridismo que meramente camufla as relações de poder em jogo, “[...] making us ignore concepts of subordination, racial prejudice, class or gender violence, and different forms of humiliation and authority.”<sup>1</sup>

<sup>1</sup> [...] fazendo-nos ignorar concepções de subordinação, preconceito racial, violência de classe e gênero, além das diferentes formas de humilhação e autoridade. (Vicente, 2010, p. 13, tradução minha)

Tendo-se em conta o exposto, e na tentativa de oferecer aqui uma breve exposição do pensamento de Said, no que concerne à relação entre Europa e Oriente, o autor dispõe o que segue:

The Orient is not only adjacent to Europe; it is also the place of Europe's greatest and richest and oldest colonies, the source of its civilizations and languages, its cultural contestant, and one of its deepest and most recurring images of the other. In addition, the Orient has helped to define Europe (or the West) as its contrasting image, idea, personality, experience. Yet none of this Orient is merely imaginative. The Orient is an integral of European material civilization and culture. Orientalism expresses and represents that part culturally and even ideologically as a mode of discourse with supporting institutions, vocabulary, scholarship, imagery, doctrines, even colonial bureaucracies and colonial styles.<sup>2</sup> (Said, 1977, p. 9-10)

A relação entre colonizadores e colonizados é, portanto, simbiótica, na medida em que provocou mudanças profundas, não apenas nos povos subjugados, mas também na raiz da civilização europeia, padrão fundador daquilo a que hoje nos referimos como "Ocidente". O imaginário ocidental, assim, constituiu-se e, para sempre, definiu-se a partir de uma relação conflituosa e difusa que interfere numa materialidade cultural e ideológica que passa por todo o tipo de formas sociais e visões de mundo, desde burocracias institucionais, até saberes e manifestações linguísticas, como a arte, por exemplo.

A obra de Edward Said inaugurou novas formas de se pensar essa relação. A teoria pós-colonial, segundo Ribeiro (2010, p. 1), constitui uma das transformações teóricas e metodológicas mais profundas no recente âmbito das

---

<sup>2</sup> O Oriente não é apenas adjacente à Europa. É também o lugar das colônias europeias mais antigas, mais ricas e mais grandiosas, a fonte da sua civilização e das suas línguas, o seu rival cultural, e uma das suas imagens do Outro mais profundas e mais recorrentes. Para além disso, o Oriente tem ajudado a definir a Europa (ou o Ocidente), fornecendo-lhe um contraste, em termos de imagem, ideia, personalidade, ou experiência. Porém, nada deste Oriente é meramente imaginário. O Oriente é uma parte integral da *materialidade* da civilização e cultura europeias. O Orientalismo expressa e representa essa parte, de um modo cultural e até ideológico, como um modo do discurso sustentado em instituições, vocabulário, saber académico, imagética, doutrinas, ou mesmo estilos e burocracias coloniais. (Said, 1977, p. 9-10, tradução de Catarina Martins, grifo da tradutora)

humanidades e ciências sociais, a qual, mais do que repensar a história, “fornece um modelo de crítica à modernidade que [...] incita a um reequacionar de conceitos e perspectivas que representa uma importante ruptura epistemológica e se tem revelado, a um tempo, altamente polêmico e imensamente produtivo”.

Polêmico, porque coloca a questão colonial no centro de uma crítica em torno das consequências enfrentadas pelos povos outrora colonizados, não apenas no âmbito de suas grandes dificuldades econômicas e sociais, atualmente, como também no que concerne à distorção do imaginário em torno desses povos, por exemplo, quanto à “inferioridade” de sua “raça” ou estilo de vida. Produtivo, porque, na medida em que coloca a perspectiva dos povos colonizados no centro do debate, problematiza os padrões da história oficial contada até aqui, possibilitando uma “reescrita” contemporânea dessa história, mais condizente com a realidade desses povos e o respeito necessário à compreensão dos efeitos da colonização e, portanto, à discussão de possíveis soluções para um imaginário de preconceitos consolidado em séculos de dominação. Segundo Ribeiro (2010, p. 2), o pensamento pós-colonial permite, portanto, a “configuração de um modelo de discurso crítico enquanto discurso da diferença formulado no seio da relação colonial a partir da perspectiva dos oprimidos”.

Um ponto importante colocado por Ribeiro (2010), em diálogo com Said, diz respeito à construção ocidental de um discurso de violência sobre o “outro” colonizado, visando à sua liquidação, à sua invisibilidade e, até mesmo, ao seu silenciamento, ponto em que aduz a discussão levantada por Gayatri Spivak em *Can the Subaltern Speak?* Nesse sentido, segundo o autor, o silenciamento não se traduz na negação da voz ao subalterno, como se fora uma questão de proibição ou autorização, mas numa construção intrínseca originada pelo lugar que ocupa na relação colonial, o qual produz um apagamento

ocupado pelo discurso dominante de forma quase natural (Ribeiro, 2010). Em suas palavras:

Tal como no caso de Said, o texto de Spivak está [...] construído a partir de um binarismo aparentemente irreduzível e em que tanto o campo do colonizador como do colonizado surgem como monolíticos, não deixando espaço nem para a possibilidade de um discurso de resistência por parte de um subalterno inteiramente invisibilizado, nem para a articulação de contradições e perspectivas críticas no interior do campo dominante. (Ribeiro, 2010, p. 2-3)

Ribeiro (2010) traça seis aspectos que considera determinantes na constituição do pensamento pós-colonial: a) a reivindicação da pluralidade de visões de mundo, sequestrada pela dominação imposta pelos colonizadores, a qual reduzia os povos colonizados a mero objeto de suas necessidades de expansão, apagando a sua cultura e seus modos de vida ao promover o “desconhecimento” de sua realidade; b) a reafirmação da pluralidade naquilo que diz respeito à não-reivindicação do conceito mesmo de pós-colonialismo como teoria universal, ampliando os campos de debate sobre os diversos contextos possíveis; c) a dimensão auto-reflexiva do pensamento pós-colonial, resultado de sua natureza crítica, voltando sobre si mesmo no modo como analisa os seus objetos de discussão; d) a disposição do colonialismo no centro da formação dos próprios povos colonizadores, os quais foram decisivamente transformados pelas relações estabelecidas com os povos colonizados, desestabilizando distinções binárias simplistas outrora predominantes como “centro-periferia”, “colonizador-colonizado”; e) a análise do conceito de colonialidade sob uma perspectiva complexa e ambígua que transcende o momento histórico produtor da relação colonial; f) a possibilidade de transformação de conceitos de base para a sociedade e a cultura (a exemplo de nação, hegemonia, memória, identidade, diáspora, tradução, entre outros), potencializada na constante renovação de debates permitida pelo cariz epistemológico transversal intrínseco à teoria pós-colonial.

A atualização do debate colonial permitida pela teoria pós-colonial constitui, assim, uma das maiores transformações críticas no seio dos estudos de ordem histórica, cultural e social da contemporaneidade. A mudança de perspectiva teórica favorece a multiplicidade de vozes envolvidas e, portanto, uma compreensão mais abrangente da realidade dos povos colonizadores e colonizados, antes e depois dos fatos históricos que os marcaram para sempre. Nessa esteira, e visando à análise posterior dos textos propostos neste trabalho, o tópico seguinte abordará algumas questões específicas no que diz respeito ao lugar de África para os estudos pós-coloniais.

### **ÁFRICA: UM DEBATE PÓS-COLONIAL POR EXCELÊNCIA**

A expansão marítima europeia a partir do século XV foi o evento determinante para o conhecimento do espaço territorial global. O contato com outras civilizações e modos de vida, no entanto, não aconteceu de forma pacífica: como qualquer experiência de relacionamento com o “outro”, a aproximação de culturas tão diferentes entre si promoveu transformações profundas nas bases sociais de ambas as partes.

O poderio econômico (no contexto mercantil que começava a se estabelecer como base do capitalismo) e tecnológico (para as relações que se estabeleceriam entre as civilizações do “velho” e do “novo” mundo nos séculos seguintes) dos povos europeus em relação a povos africanos e ameríndios favoreceu o padrão de dominação que redefiniria para sempre as bases sociais, culturais e econômicas de todos os envolvidos de forma violenta e, por que não dizer, até mesmo predatória: aqueles que viriam a ser os povos colonizados foram expropriados de seus modos de vida pelos povos colonizadores em favor de uma expansão que só se justificava no seio de uma corrida hegemônica que em nada beneficiava aqueles. Pelo contrário, a forma avassaladora como foram “assimilados” devastou civilizações inteiras, causando problemas que



prevalecem até hoje, dentro e fora de seus respectivos contextos, seja pela difícil situação política e econômica com que foram “abandonados” pelos colonizadores, seja pelos preconceitos que ainda vigoram nas relações entre “brancos” e “negros”, pautados nas definições de raça necessárias à justificativa da superioridade de uns em relação aos outros, núcleo da dominação a que foram submetidos.

Nesse sentido, segundo Mbembe (2014, p. 25), ao aprofundarmos a questão:

[...] a raça será um complexo perverso, gerador de medos e de tormentos, de problemas do pensamento e de terror, mas sobretudo de infinitos sofrimentos e, eventualmente, de catástrofes. Na sua dimensão fantasmagórica, é uma figura da nevrose fóbica, obsessiva e, porventura, histérica.

As palavras acima parecem duras, porém traduzem a realidade daquilo que esteve no cerne do contato entre os povos colonizadores e colonizados ao longo dos séculos: não apenas expõem a violência, como também o medo e, portanto, o apagamento destes em relação àqueles, naquilo que Mbembe (2014) define como “alterocídio”. Como base deste conceito, o autor explica que o colonizador viu a necessidade de “constituir o Outro não como semelhante a si mesmo, mas como objeto intrinsecamente ameaçador, do qual é preciso proteger-se, desfazer-se, ou que, simplesmente, é preciso destruir, devido a não conseguir assegurar o controle total” (Mbembe, 2014, p. 26); um elemento de “raça” inferior, portanto.

Além de justificar a “ameaça” vista pelo colonizador em relação ao colonizado, Mbembe (2014, p. 26), recorrendo ao ensinamento de Frantz Fanon, esclarece que o conceito de “raça” também serve para traduzir o “ressentimento amargo”, o “irrepreensível desejo de vingança”, a “raiva daqueles que lutaram contra a sujeição e foram, não raramente, obrigados a sofrer um sem-fim de injúrias, todos os tipos de violações e de humilhações e inúmeras ofensas”.

Nesse sentido, faz-se importante lembrar as palavras de Hall (2006, p. 63) quando aponta que a “raça” é uma “categoria discursiva”, e não biológica, atendendo a um sistema de representação fragilmente embasado em características físicas como “marcas simbólicas” que servem apenas à diferenciação social de um grupo em relação a outro.

Outro aspecto que também esteve na justificativa da dominação dos colonizadores em relação aos povos colonizados foi o seu propalado “ideal” de civilização. Ao subjugar-los, impunham seu modo de vida e os escravizavam, por considerá-los inferiores. Ao explicar a relação entre o “eu”, colonizador, superior e dono do ideal civilizacional, e o “outro”, o “resto”, colonizável, principalmente nas relações estabelecidas com os povos africanos, Mbembe (2014: 28) apresenta o que segue:



O Resto – figura, se o for, do dissemelhante, da diferença e do poder puro do negativo – constituía a manifestação por excelência da existência objetal. A África, de um modo geral, e o Negro, em particular, eram apresentados como os símbolos acabados desta vida vegetal e limitada. Figura em excesso de qualquer figura e, portanto, fundamentalmente não figurável, o Negro, em particular, era o exemplo total deste ser-outro, fortemente trabalhado pelo vazio, e cujo negativo acabava por penetrar todos os momentos da existência.

Nesse sentido, Fanon (1975) expressa a sua descoberta de ser considerado um mero “objeto” em meio a outros objetos: não um ser social, autônomo, dono de uma identidade que não precisa ser colocada em perspectiva em relação a outra existência para ser considerada em sua dimensão ontológica. Não se trata de um sentimento de inferioridade, mas de um “sentimento de inexistência”. Suas palavras ecoam de forma profunda, na raiz de um problema social de difícil solução: “Quando gostam de mim, dizem que é apesar da minha cor. Quando me detestam, dizem que não é por causa da minha cor.” (Fanon, 1975, p. 128). Segundo o autor:

Os Negros não têm existência ontológica aos olhos do Branco. Os pretos, de um dia para o outro, tiveram dois sistemas de referência em relação aos quais lhes foi necessário situarem-se. A sua metafísica, ou menos pretensiosamente, os seus costumes e as instâncias para que eles reenviavam, eram abolidos porque se encontravam em contradição com uma civilização que eles ignoravam e que se lhes impunha. (Fanon, 1975, p. 122)

Todas essas implicações, no entanto, não se manifestam em África sem qualquer consequência para os povos colonizadores. Pelo contrário, as práticas do passado refletem de diversas maneiras nas relações estabelecidas no presente entre ambas as partes, e a teoria pós-colonial permite a problematização desses efeitos numa dimensão que vai além da mera constatação de fatos, caminhando para uma atenuação do problema, pelo menos na medida em que dá voz àqueles que, no passado, eram apenas objeto do preconceito injustificado e dos relatos oficiais. A longo prazo, a presença dos povos silenciados no debate contemporâneo tende a promover uma maior integração e um reconhecimento da importância de suas civilizações, imprimindo respeito àquilo que são por si mesmas, e não em relação a povos outros, “superiores”.

## CULTURA E ARTE EM TEORIA PÓS-COLONIAL

Vimos que os Estudos Culturais favorecem a ampliação do escopo de análise na contemporaneidade para além de recursos tradicionais clássicos, tanto no que se refere ao aporte teórico quanto ao objeto de estudo, o que, segundo Martins (2015), deve-se à atual transferência do “regime centrado na palavra” para o “regime da imagem”, ampliando-se a importância da “interpretação” sobre o ideal da “verdade”.

Ribeiro e Ramalho (1999, p. 72, grifos dos autores) apontam que esse novo paradigma desestabilizou o outrora predominante caráter canônico universal da literatura “ao defender [...] a inclusão no campo de análise de todo

o conjunto das práticas culturais associadas à *cultura de massas* e ao pôr em causa a *ansiedade de contaminação* herdada do modernismo”, obrigando “a pôr na ordem do dia a urgência de uma ampla abertura transdisciplinar”.

Segundo Boaventura de Sousa Santos (2002), o termo “pós-colonialismo” tem dois sentidos, os quais se relacionam entre si, porém a partir de perspectivas diferentes: a) em primeiro lugar, refere-se ao período imediatamente posterior ao final da relação de dominação colonial; b) sendo considerado também como o conjunto de práticas e discursos performativos que contribuem para a desconstrução da narrativa colonial oficial, elaborada pelo colonizador, numa tentativa de atualizá-la a partir da visão dos povos colonizados.

Assim, naquilo que importa para este estudo, cumpre destacar que os efeitos culturais do colonialismo são percebidos não apenas no que se refere a aspectos econômicos e sociais dos povos envolvidos, como também revelam profunda influência nas práticas artísticas desses povos, as quais têm sido consideradas como objeto analítico de forma cada vez mais abrangente. Nesse sentido, o presente artigo busca propor uma leitura de duas obras artísticas do Portugal contemporâneo em associação a questões históricas coloniais, na tentativa de compreender o olhar crítico presente na produção criativa do pólo outrora colonizador.

Antes disso, no entanto, faz-se importante recorrer a algumas teorias complementares àquelas já apresentadas, no sentido de facilitar a compreensão da análise e situar o leitor quanto a aspectos mais especificamente ligados à cultura e à arte.

Nesta altura, a problemática em torno do conceito de “identidade cultural”, na forma trazida por Hall (1990), cumpre importante papel na discussão aqui proposta. Segundo o autor, existem pelo menos duas dimensões importantes para a sua compreensão.

A primeira delas a compreende na forma de uma única cultura compartilhada que se sobressai em relação a outras mais superficial ou artificialmente presentes naquilo em que componentes de um mesmo povo têm em comum, refletindo as experiências históricas e culturais que o definem de forma estável e imutável, mesmo sob as adversidades de seu presente.

A segunda, mais ampla e, portanto, mais complexa, reconhece que, para além dos pontos de similaridade, existem pontos críticos de “diferenças” profundas e significativas que constituem “o que somos” ou, sob a influência da história, “o que nos tornamos”. Para Hall (1990), não é possível estabelecer com exatidão uma única experiência de identidade sem reconhecer a presença de rupturas e descontinuidades que a afetam profundamente. Em suas palavras, nesse sentido:



Cultural identity [...] is a matter of “becoming” as well as of “being”. It belongs to the future as much as to the past. It is not something which already exists, transcending place, time, history and culture. Cultural identities come from somewhere, have histories. But, like everything which is historical, they undergo constant transformation. Far from being eternally fixed in some essentialized past, they are subject to the continuous “play” of history, culture and power.<sup>3</sup> (Hall, 1990, p. 225)

É essa segunda dimensão que interessa, para Hall (1990), ao explicar que o passado continua a se comunicar conosco, de diversas formas, interferindo no presente, na medida em que o transforma através de memória, fantasia, narrativa e mito. Para o autor, o papel da “diferença” no cerne do conceito de identidade é crucial, e justifica sua posição ao lembrar que a história tem sido profundamente formativa, nesse aspecto – as sociedades impactadas pela escravidão, pela colonização, uniram-se a partir de suas diferenças, o que

<sup>3</sup> Identidade cultural [...] é uma questão de “tornar-se” assim como de “ser”. Pertence ao futuro tanto quando ao passado. Não é algo que já existe, transcendendo espaço, tempo, história e cultura. Identidades culturais vêm de algum lugar, elas têm histórias. E, como tudo que é histórico, passam por constantes transformações. Muito mais do que estarem eternamente consolidadas em algum passado essencial, elas estão sujeitas ao contínuo “jogo” da história, da cultura e do poder. (Hall, 1990, p. 225, tradução minha)

não as constituem a partir de uma “origem” comum, mas, antes, de um processo de tradução, da mediação de sentidos imposta pelo contato entre diferentes culturas (Hall, 1990).

Levando-se em conta o exposto até aqui, e considerando-se a arte um dos elementos mais profícuos de representação cultural, escolhemos o poema *A ilha dos navios perdidos*, de Joaquim Namorado, e a canção *Canto dos torna-viagem*, de José Mário Branco, como exemplos das marcas deixadas pela colonização nas sociedades envolvidas. Ambas as obras tratam do tema de forma sensível e profunda, com referência a diversos aspectos históricos e suas consequências.

No caso particular de José Mário Branco, cumpre colocar em foco o seu papel como um dos principais expoentes da chamada “canção de intervenção” portuguesa, surgida no período salazarista entre 1960 e 1970, como forma de protesto. Esse conceito amplia-se e estende-se à produção artística portuguesa que propõe a reflexão sobre questões políticas e sociais, conforme objetivo apontado por Maia (2022, p. 6): “levar à ação, chamar a atenção da população de determinado problema, e envolvê-la numa possível resolução”. É a busca pela construção de uma consciência coletiva (Maia, 2022) que privilegia, mas transcende, o debate contemporâneo.

Nesse sentido, faz-se importante recorrer às palavras de Bebiano (2000), quando aponta para a pluralidade de debates históricos possíveis, dentro dos quais insere-se a sensibilização provocada pela arte:

O carácter plural das formas de pensamento da pós-modernidade, que como é sabido exclui uma ideologia ou tendência hegemónica e se centra no discurso do multiculturalismo, tem vindo a acentuar esta redefinição dos conceitos, relativizando como nunca o valor “definitivo” da espécie de verdade que pode ser obtida no processo de aproximação e de conhecimento do passado.

As obras aqui apresentadas favorecem esse processo na medida em que provocam a reflexão sobre as verdadeiras relações estabelecidas entre

colonizadores e colonizados, para além das justificativas históricas de hegemonia e poderio econômico e tecnológico, sob a perspectiva daqueles que foram sequestrados de seu modo de vida, dando voz artística às suas dores.

Para a leitura das obras proposta a seguir, faz-se importante relembrar, de acordo com Mbembe (2014, p. 33), o fato histórico de que os povos colonizados em África estavam “no centro das novas dinâmicas que implicariam incessantes idas e vindas de uma à outra margem do mesmo oceano, dos portos negreiros da África Ocidental e Central aos da América e da Europa”, do que se conclui que “a transnacionalização da condição negra é [...] um momento constitutivo da modernidade, sendo o Atlântico o seu lugar de incubação” (Mbembe, 2014, p. 34).

As palavras de Mbembe (2014) são aqui importantes pois situam o Atlântico no centro dos processos de expropriação iniciados pela colonização: um espaço que significa mais do que uma mera rota de deslocamento, integrando um imaginário de apagamento de povos e indivíduos, de sonhos perdidos para sempre nas suas profundezas, imagem que está na essência de ambas as obras aqui analisadas, como veremos a seguir.

## DESCOBERTA DE “UMA ILHA PERDIDA NOS MAPAS”, SEGUNDO JOAQUIM NAMORADO

*A ilha dos navios perdidos* é um poema integrante da obra *Aviso à Navegação*, de Joaquim Namorado, publicado originalmente em 1941. É um texto de tom melancólico, que faz referência a uma “ilha dos navios perdidos” no “mar das tormentas”. Nele, sem referência direta ao processo de colonização, o poeta apresenta consequências objetivas (como naufrágios) e diversas marcas da tristeza provocada pelos deslocamentos marítimos dos povos subjugados (ao referir-se ao mar como lugar “onde há só tempestades e agoiros”). Nesse sentido, vejamos a construção poética inicial (grifos meus):

Aqui é a ilha dos navios perdidos,  
 dos navios abalroados, afundados  
 nos naufrágios...  
 Esta é a ilha perdida nos mapas,  
 perdida no mar dos sargaços;  
 este é o mar das Tormentas,  
 das tormentas desta vida,  
 onde há só tempestades e agoiros;  
 [...]

Ademais de situar espacialmente o processo de colonização no “mar das Tormentas”, o eu-lírico avança em sua triste descrição, trazendo considerações metafóricas sobre o tempo e apresentando os sujeitos ocupantes das embarcações perdidas (grifos meus):

[...]  
 o céu  
 é esta noite negra sem limites  
 onde não vive um astro, uma nuvem ou uma asa;  
 a terra é esta,  
 os cascos oscilantes  
 dos mil navios perdidos:  
 Naus da Índia,  
 barcos piratas dos moiros,  
 fragatas e caravelas,  
 navios dos Corte-Reais  
 onde jazem insepultos  
 os heróis mais verdadeiros  
 e os sonhos mais colossais.

Esse é o excerto em que prevalece a percepção do eu-lírico sobre os povos colonizados em relação aos seus colonizadores: ao fazer referência aos “heróis mais verdadeiros”, insepultos, e seus “sonhos mais colossais”, fica clara a interrupção precoce de vidas (e sociedades) tão importantes quanto aquelas que as sequestraram em nome de soberania material. Esse último aspecto fica ainda mais em evidência na parte final do poema (grifos meus):

- Nos mastros desmantelados  
 flutuam,



rotos e desbotados,  
estandartes imperiais,  
e nos porões arrombados,  
nos cofres de segredos inúteis,  
dormem os tesoiros arrancados  
a todos os orientes.

Não há grandeza que baste  
quando a desgraça é tamanha!...

Qual é o sentido de tamanha ganância, se ao final os “estandartes imperiais” imergirão, esquecidos para sempre junto aos tesouros também perdidos no “mar das Tormentas”? O excerto acima acrescenta ao poema a complicação da “inutilidade” de tudo, marca a devastação imposta aos povos colonizados, concluindo que qualquer que seja a “grandeza” almejada, ela não se justifica diante de “tamanha desgraça”.

O poema de Joaquim Namorado (1941) é um importante documento artístico que reflete as transformações provocadas pelo processo de colonização no seio de ambas as sociedades envolvidas, como já referido anteriormente. Sendo português, o poeta reflete com extrema sensibilidade as consequências de um processo de dominação que não se justificava, sob qualquer aspecto, e impingia dor e sofrimento às sociedades arrasadas pela ganância ocidental.

### **A “COISA AO CONTRÁRIO” CONTADA PELOS “TORNA-VIAGEM”: UM DIÁLOGO HISTÓRICO CRIADO POR JOSÉ MÁRIO BRANCO**

Saindo da literatura para a música, numa tentativa de demonstrar o quanto a história influenciou em diversos aspectos as sociedades envolvidas na colonização (neste caso, sob a perspectiva de artistas portugueses que usam a sua arte para refletir acerca dos efeitos da dominação sobre os povos colonizados), a canção *Canto dos torna-viagem*, de José Mário Branco (2004), é outro relevante documento de expressão artística.

Trata-se de uma espécie de “diálogo” entre “colonizador” e “colonizado”, uma canção com diversas vozes e cadências sonoras, cada uma apresentando a sua versão dos contatos e relações estabelecidas em viagens atlânticas devastadoras para ambas as partes.

Na primeira parte, chamada de Melodia 1<sup>4</sup>, observa-se uma apresentação do contexto histórico de que trata a música, na qual já fica clara a posição do eu-lírico em relação à narrativa a ser exposta a seguir (grifos meus):

Foi no sulco da viagem  
Já sem armas nem bagagem  
Nem os braços da equipagem  
Foi ao voltar

[...]  
Que consumiste a glória  
Num jantar

Toda a primeira parte da canção apresenta uma visão particular sobre a posição de Portugal no processo de colonização. No excerto acima, observa-se a referência a uma “glória” consumida “num jantar”, ou seja, rapidamente, sem grande impacto diante da propalada grandeza dos empreendimentos coloniais. Em oposição, a seguir, o impacto sobre os povos colonizados serão traduzidos como “ávida violência” e “reverso de inocência”, estando Portugal “em busca de um final pra começar”: começar a ser visto não mais como um “império tão pequenino” e superar a “afirmação diária do [seu] não”. No entanto, o objetivo pretendido mostra-se irresoluto:

Cândida ignorância  
Grande desimportância  
Os frutos da errância  
Já lá vão

<sup>4</sup> Letra completa da canção disponível em: <https://arquivojosemariobranco.fcsh.unl.pt/content/cantos-torna-viagem>.

O final da primeira parte da canção dá os contornos do “diálogo” que virá a seguir, antecipando os “frutos da errância” sobre os quais “colonizador” e “colonizado” apresentarão o seu lamento.

A Melodia 2 traz a “voz do colonizador”, na qual destaca-se alguns excertos para comentário posterior (grifos meus):

*Ai Senhora dos Navegantes me valei  
De África, do sal e do mar só eu sobrei  
[...]*

*Ai Senhora dos Talvez-Muitos-Mais-Sinais  
Socorrei estes desperdícios coloniais  
[...]*

*Ai Senhora dos Meus Iguais que eu subtraí  
Foi pataca a mim e não foi pataca a ti  
Se é tão grande a alma na palma do meu ser  
Algum dia eu vou finalmente acontecer*

Aqui, observa-se um profundo arrependimento, em um momento de reflexão provocado pelo que parece ser um naufrágio: “de África, do sal e do mar, só eu sobrei”. É como se, no momento de sua morte, diante do seu inevitável desaparecimento, o colonizador se desse enfim conta da inutilidade e da devastação cruel de seu empreendimento, a ele se referindo como causador de “desperdícios coloniais”. Chega mesmo a tratar os povos subjugados como “iguais” e alude à injustiça com que foram tratados nas trocas estabelecidas no processo de colonização: “foi pataca a mim e não foi pataca a ti”. Ao fim, apela à grandiosidade da alma “na palma do [seu] ser”, como uma forma de perdão futuro diante da tragédia irremediável.

Sob as características daquilo a que chamo “voz do colonizado”, a Melodia 3 (aqui transcrita na íntegra) apresenta um registro artístico emocionante, uma audição imaginária sobre a percepção dos povos dominados diante da violência a que foram submetidos (grifos meus):

Porque não tentar outro ponto de vista  
*A história dos outros, quem a contará*  
*Se qualquer colônia sem colonialista*  
*São os que já estavam lá*

Os navegadores chegaram cá a casa  
E foi tudo novo p'ra eles e p'ra mim  
A cruz e a espada e os olhos em brasa  
*Porque me trataste assim?*

Tentemos então ver a coisa ao contrário  
*Do ponto de vista de quem não chegou*  
Pois se eu fosse um preto chamado Zé Mário  
Eu não era quem eu sou

Não é culpa nossa se quem p'ra cá veio  
Não se incomodou ao saber do horror  
*A História não olha a quem fica no meio*  
E o que foi é de quem fôr

No excerto acima, observa-se a incompreensão do colonizado diante da barbárie a que fora submetido em: “qualquer colônia sem colonialista são os que já estavam lá”; e “por que me trataste assim?”. No primeiro verso destacado está a afirmação cruel da devastação, afinal, aquelas terras, aquelas “colônias”, tinham “donos”, eram espaço da vida de seus próprios sujeitos ocupantes, desde o início dos tempos. A pergunta que ressoa a seguir, de resposta incompreensível, reafirma a inutilidade, a perversidade do empreendimento colonial.

A Melodia 3 dialoga com muitos dos pontos teóricos colocados nas seções anteriores. Acima de tudo, é uma representação artística potente da necessidade de se ouvir o “outro lado”, de se “ver a coisa ao contrário”, sob “outro ponto de vista”. Essa é a principal contribuição da teoria pós-colonial, permitindo que aqueles outrora invisibilizados tenham o espaço de serem ouvidos, de se expressarem em seus próprios termos.

Nesse sentido, a canção de José Mário Branco serve como um documento de respeito a essa história negada: não se trata de ocupar o lugar de

fala de outrem, mas de reconhecer o seu lugar de artista como ponte para a reflexão e a abertura de portas de discussão, nos mais diferentes espaços, confirmando o fato de que o processo de colonização provocou transformações profundas em todos os envolvidos, “colonizados” e “colonizadores”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A perspectiva da teoria pós-colonial dentro da miríade de temas renovadores propostos a partir da segunda metade do século XX, aos quais intitula-se Estudos Culturais, é imprescindível para a compreensão das consequências da colonização para os povos envolvidos nesse processo que se arrastou durante séculos. Principalmente no que se refere aos povos africanos, os negativos efeitos sociais perduram até hoje e são objeto das mais variadas formas de reflexão, de discussões acadêmicas a manifestações artísticas, como as que levantamos neste artigo.

Buscamos, portanto, apresentar algumas das teorias centrais para o entendimento da teoria pós-colonial naquilo em que se comunica com questões centrais como dominação, identidade cultural, raça, assimilação, alteridade, dentre outras igualmente relevantes.

Longe de exaurir as discussões possíveis no âmbito das obras artísticas aqui destacadas, entendemos, no entanto, haver cumprido o nosso objetivo, no sentido de apresentá-las em face de teorias pós-coloniais relevantes, que contribuem para uma leitura mais abrangente do empreendimento colonial, para além da costumeira (e cada vez menos legítima) história contada por “vencedores” em relação aos “vencidos”.

## REFERÊNCIAS

- BEBIANO, Rui. **Sobre a história como poética**. FLUC: Coimbra, 2000. Disponível em <http://www1.ci.uc.pt/pessoal/rbebiano/docs/estudos/hpoetica.pdf>. Acesso em 08 dez. 2021.
- BRANCO, José Mario. **Canto dos torna-viagem**. Arquivo José Mario Branco, Centro de Estudos de Sociologia e Estética Musical, UNL, 2004. Disponível em <https://arquivojosemariobranco.fcsh.unl.pt/content/canto-dos-torna-viagem>. Acesso em 08 dez. 2021.
- FANON, Frantz. **Peles Negras, Máscaras Brancas**. Porto: Paisagem, 1975.
- HALL, Stuart. Cultural Identity and Diaspora. In: Rutherford, J. (ed.). **Identity: Community, Culture, Difference**. London: Lawrence & Wishart, 1990.
- HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- MAIA, Sara. **A criação da Inquietação: o processo de criação de José Mário Branco no contexto da canção de intervenção**. Portugal: Universidade Nova de Lisboa, 2022. Disponível em: <https://ocprotesto.org/wp-content/uploads/2022/08/A-criac%CC%A7a%CC%83o-da-inquietac%CC%A7a%CC%83o-OCP-.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2023.
- MARTINS, Moisés de Lemos. Os Estudos Culturais como novas Humanidades. In: **Revista Lusófona de Estudos Culturais**, 3 (1), 2015. Disponível em: <https://rlec.pt/issue/view/95>. Acesso em: 20 set. 2022.
- MBEMBE, Achille. **Crítica da Razão Negra**. Lisboa: Antígona, 2014.
- NAMORADO, Joaquim. A ilha dos navios perdidos [1941]. In: **Lusografias: retalhos de língua portuguesa**, Portugal, 23 nov. 2016. Disponível em: <https://lusografias.wordpress.com/2016/11/23/joaquim-namorado-a-ilha-dos-navios-perdidos/>. Acesso em: 13 abr. 2022.
- RIBEIRO, António Sousa. Pensamento pós-colonial. In: **Janus**, Anuário de Relações Exteriores, 2010.
- RIBEIRO, António Sousa; RAMALHO, Maria Irene. Dos estudos literários aos estudos culturais? In: **Revista Crítica de Ciências Sociais**, 52/53, 1999. Disponível em: <https://estudogeral.uc.pt/handle/10316/11569>. Acesso em: 10 jul. 2023.

SAID, Edward. **Orientalism**. London: Penguin, 1977.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Between Prospero and Caliban: Colonialism, Postcolonialism, and Inter-identity. In: **Luso-Brazilian Review**, 39 (2), 2002. Disponível em: [https://www.boaventuradesousasantos.pt/media/Between%20Prospero%20and%20Caliban\\_LusoBrazilianReview\\_2002.pdf](https://www.boaventuradesousasantos.pt/media/Between%20Prospero%20and%20Caliban_LusoBrazilianReview_2002.pdf). Acesso em: 10 jul. 2023.

VICENTE, Filipa Lowndes. Orientalism in the Margins: the interest in Indian Antiquity in nineteenth century Italy. In: *Res Antiquitatis*, 1, 2010. Disponível em: [https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/11164/1/ICS\\_FLVicente\\_Orientalism\\_ARI.pdf](https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/11164/1/ICS_FLVicente_Orientalism_ARI.pdf). Acesso em: 10 jul. 2023.

**RECEBIDO EM: 13/04/2023**

**PARECER DADO EM: 11/07/2023**



[www.revistafenix.pro.br](http://www.revistafenix.pro.br)